

Sobre a escuta como acolhimento do *outro*: fragmentos de uma poética da escuta como caminho de formação humana

9

*On the listening as the host of the other: fragments of
a poetics of listening as a way of human formation*

DOI: 10.18226/21784612.v22.n3.9

Maria Verónica Pascucci*

Falar é uma necessidade, escutar é uma arte.

Johann Wolfgang von Goethe

Resumo: Em meio ao tempo e ao ritmo estabelecidos pela dinâmica social da atualidade, caracterizada por uma paisagem sonora que conduz ao desapego e ao distanciamento afetivo nas relações, exaurindo os próprios sentidos da vida humana, este trabalho pretende retomar o sentido ético da escuta como condição primordial de acesso à verdade, uma escuta que, para além do simples ouvir, permita espreitar os sons que constituem a singularidade dos sujeitos e do mundo e dão a tônica da sua existência. Estabelece relações entre o *Logos* segundo Heráclito, música encantatória no seu sentido original que, por ser linguagem, comunica e diz algo, e a *mousiké* grega cujo poder de *en-cantamento* traz aos sujeitos a verdade como voz que orienta a vida. Destaca as artes da existência apontadas por Foucault na *epiméleia heautou* associada a

* Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Marília – SP. Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Fez curso de Pedagogia Waldorf com especialização em Música pelo *Seminar für Waldorfpädagogik* – Alemanha. Especialização em Regência de Orquestra pela *Musikhochschule für Musik und Darstellende Kunst* – Alemanha. Graduada em Musicoterapia pela Universidade de El Salvador – Argentina. Curso de Magistério pelo Instituto Juan Bautista Debrabant. Professora Superior de Piano pelo Conservatório Superior de Música A. Ameri. Atualmente, é Professora-Adjunta na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Departamento de Artes, curso de Licenciatura em Música. *E-mail:* veronicapascucci@hotmail.com

melos e melodia, aquilo que canta e encanta desde algum lugar do sujeito e o apela a se interessar por determinada pessoa, objeto ou acontecimento. Dessa forma, a verdade do sujeito é sonora, manifesta-se como linguagem, como canto que se dá, se doa, na condição de escuta dos sujeitos dispostos, na sua abertura, a ouvi-la. À luz do pensamento de Sloterdijk (apud ROCCA, 2006, 2007, 2008), identifica as esferas sonoras como o domínio onde as palavras primigênicas, fundadoras do ser, ressoam revelando sua origem e essência. Coloca a música como uma arte de viver que atua como elemento reorganizador do conhecimento que construímos sobre o mundo e sobre nós mesmos. Focaliza as ressonâncias formativas do gesto de escutar e silenciar como parte de uma disposição [*Stimmung*] vital para lidar com conflitos e tensões de nossa época.

Palavras-chave: *Logos*. Música. Escuta. Acolhimento do *outro*.

Abstract: In the midst of the time and rhythm established by current social dynamics, characterized by a sonorous landscape that leads to detachment and affective detachment in relationships exhausting the very senses of human life, this work intends to retake the ethical sense of listening as a primordial condition of access to the truth, a listening that, in addition to the simple listening, enables us to peer into the sounds that make up the singularity of the subjects and the world and give the tone of their existence. It establishes relations between the *Logos* according to Heraclitus, enchanting music in its original sense that because it is a language communicates and says something, and the Greek *mousiké* whose power of *enchantment* brings to the subjects the truth like voice that guides the life. It emphasizes the arts of existence pointed out by Foucault in the *epheleia heautou* associated with *melos* and *melody*, that which sings and enchants from somewhere of the subject and appeals to him to be interested in a certain person, object or event. In this way, the truth of the subject is sonorous, it manifests itself as a language, as a song that one gives, one gives, in the condition of listening to the willing subjects in their openness to listen to him. In the light of Sloterdijk's thought it identifies the sound spheres as the domain where primitive, founding words of being resonate revealing their origin and essence. It places music as an art of living that acts as a reorganizing element of the knowledge we make about the world and about ourselves. It focuses on the formative resonances of the gesture of listening and silencing as part of a vital [*Stimmung*] vital to deal with the conflicts and tensions of our own time.

Keywords: *Logos*. Music. Listening. Host of the *other*.

Um breve diagnóstico sobre o “turbilhão” do mundo moderno

Ao refletirmos sobre o mundo ocidental contemporâneo e suas particularidades, emerge a questão da globalização que, na aparente abrangência da sua concepção, conduz os sujeitos a uma fragmentação e a um desenraizamento históricos. As instituições, as questões sociais e econômicas, as relações interpessoais, tudo parece ter entrado num processo de aceleração extremo. As identidades individuais e coletivas adquirem novos rostos e, por momentos, olhamos perplexos o desenrolar dos acontecimentos mundiais nos quais está inserido um ser humano que desconhecemos e nos produz estranhamento.

Por diversos motivos, o homem abandona sua casa em busca de novos horizontes, experiência essa que nem sempre é positiva, posto que isso o fragmenta e lhe exige, em algumas delas, até os limites da sua capacidade de superação e adaptação. Podemos mencionar, aqui, o caso dos refugiados da atualidade que, embora acolhidos em outros países, permanecem apáticos, em estado de choque e emocionalmente paralisados pela experiência vivida. Muitos deles perderam a vida à procura de nova vida.

Independentemente desses casos extremos, em sociedades menos comprometidas com os conflitos do momento, os seres humanos não conseguem acompanhar o tempo e o ritmo estabelecidos pela engrenagem dessas sociedades. Parece-nos que, em seu movimento centrífugo, a dinâmica social da atualidade coloca os sujeitos para fora de si de forma quase ininterrupta, e eles nada podem fazer para se proteger desse deslocamento. A mídia, as redes sociais e as Tecnologias de Informação e Comunicação em voga entretecem uma rede emaranhada de apelos de todo tipo em cujos interstícios ecoam “ruídos” sonoros, visuais, olfativos, compondo uma paisagem sonora que provoca desapego e distanciamento afetivo nas relações inter-humanas. Esses “ruídos” afetam o corpo físico-sensório, trazendo profundas transformações “na pele, na respiração, no ritmo cardíaco, na oxigenação do cérebro, no deslocamento do equilíbrio labiríntico. Tudo se altera dramaticamente. (CARVALHO, 1999, p. 6). Para além dessas transformações, os ruídos penetram nas próprias raízes do ser velando o sentido mais profundo da sua constituição humana. A audição, quando atrofiada no seu sentido primeiro, aquele pelo qual conseguimos nos posicionar no tempo e no espaço encontrando o ponto de equilíbrio que nos sustenta, gera silenciamento de outras formas de percepção da realidade empobrecendo a experiência que temos do mundo, dos outros e de nós mesmos.

Diante da necessidade de encontrar um modelo de relação que mergulhe nas sutilezas da percepção para além dos apelos da atualidade e conduza ao aprofundamento de laços tênues e relações significativas, é necessária nova forma de escuta que, para além do simples ouvir, permita espreitar os sons que constituem a singularidade dos sujeitos e do mundo e dão a tônica à nossa existência. Assim, a presente reflexão focaliza as ressonâncias formativas do gesto de escutar, como parte de uma disposição vital para lidar com conflitos e tensões de nossa época. Dessa forma, podemos retomar o sentido ético da escuta como condição primordial de acesso à verdade e caminho de formação humana que conduz à experiência radical de alteridade constitutiva de todos nós.

Antes de versar sobre a temática da escuta, é necessário esclarecer as diferenças entre *ouvir* e *escutar*. A palavra *ouvir*, do Latim *Audire*, se refere à percepção das ondas sonoras através do sistema auditivo. Quem ouve está próximo do som original que se transmite por ondas. No Inglês, ouvir é *tohear*; no Alemão, *das Hören*, e ambos os verbos remetem a outras palavras, tais como: áudio, auditoria, audiência, auditório. Podemos inferir que ouvir implica não ir além daquilo que foi ouvido.

Já o termo *escuta* perpassa as fronteiras do ouvir. Do Latim *Auscultare*, ele significa ouvir com atenção, ouvir às escondidas, obedecer. Na Língua Alemã, a palavra *escuta* está associada ao termo *Hören* (ouvir), mas também aos termos *Gehören* (pertencer), *Horchen* (auscultar) e *Gehorchen* (obedecer). Embora não identificada pela raiz semântica, a palavra *escuta* também está associada, na Língua Alemã, ao termo *Lauschen*, que indica estar à escuta, espreitar, escutar às escondidas.

Escutar e ouvir, então, são diferentes não em relação ao que é ouvido, mas em relação a quem escuta e ao como escuta.

O ouvir autêntico, portanto, é um recolhimento concentrado, que pertence à multiplicidade do que é dito, auscultando-o como um todo coeso, perpassado por um sentido. Quando o homem assim escuta podemos então dizer que ele é “todo ouvidos”, pois é todo recolhimento e concentração no dito. Não ouvimos, portanto, quando apenas escutamos meras palavras pronunciadas por alguém, mas quando pertencemos ao que está sendo dito. (CORDEIRO, 2015, p. 166).

Nesse passo, podemos afirmar que, na escuta, há um envolvimento do sujeito em relação àquilo que é ouvido; e, mais ainda, há um movimento de dobra do sujeito que se doa, se entrega, pertence e obedece. Essa escuta permite ouvir a tonalidade a partir da qual se tece uma história de vida, o *leitmotiv*¹ da vida de cada um, única, singular. Para compreender a escuta, nesse seu sentido originário, recorreremos inicialmente a Heráclito para quem o homem é a medida da sua escuta.

A escuta como medida do homem

Para Heráclito de Éfeso “a audição é o principal sentido do homem, aquele que lhe permite o acesso ao conhecimento. O logos, a linguagem, remete ao fato de que todo evento na ordem da natureza – e o homem também se inscreve nela – comunica e diz algo”. (COSTA, 2013, p. 80). Para Heráclito a natureza (*physis*) do mundo (*kósmos*) é linguagem, isto é, ela tem uma fala que precisa ser ouvida. Assim, ouvir é essencial ao conhecimento do mundo, linguagem e escuta são inseparáveis.

Ao se referir à linguagem em Heráclito, Costa afirma:

Estamos diante, portanto, de uma filosofia que [...] não marginaliza a linguagem para o posto e a função de uma ponte entre o pensamento e a ação ou, ainda, entre a realidade ideal e a realidade sensível. A linguagem coincide com o ser, coincide, por extensão, com o devir, que é, em Heráclito, a forma que se compõe com o ser. Assim, tudo o que é, devém, e tudo o que devém, e é, *diz*. (COSTA, 2013, p. 81, grifo nosso).

Destacamos, aqui, a palavra *diz*, posto que sabemos que há uma voz que quer ser ouvida, que aguarda ser apelada e que é constitutiva de todos os seres humanos, queiramos ouvi-la ou não. Essa voz é, talvez, o próprio devir no sentido heraclítico, o fio sonoro que acompanha a vida sussurrando o rumo, cantarolando uma melodia compreensível e audível àqueles dispostos à tamanha escuta. Essa canção é única, dirigida a um único ouvinte e audível tão somente àquele para quem ela ressoa.

¹ O *Leitmotiv* é utilizado tanto na música, na literatura quanto na pintura, na arquitetura, no cinema. É um tema que se mostra, ao longo de toda a obra, uma espécie de recordação trazida em forma de atmosferas, cores, pessoas ou símbolos, a qual surge uma e outra vez, no percurso da mesma.

Para Heráclito a linguagem compreende: gramática, ritmo e andamento, apontando a um fluir permanente, quase musical, movimento contínuo, o devir, o *sendo* (no sentido de ser em movimento). Esses aspectos da linguagem constituem a harmonia.

Porém, o significado do termo *harmonia* é bem diferente do que lhe atribuímos hoje; ao contrário, ele alude a tensões inerentes à própria vida, à luta dos contrários, dos opostos, do antagônico e divergente. Esses aspectos não são excludentes, mas pertencem juntos “são mutuamente includentes, mas para que essa composição se dê, é preciso que duelem como se opostos fossem”. (COSTA, 2013, p. 81). No Fragmento VIII, Heráclito diz: “O contrário é convergente e dos divergentes a mais bela harmonia. (COSTA, 2012, p. 129). Isto é, na harmonia, são necessárias forças antagônicas em estado de tensão, sendo essa tensão o que estabelece o equilíbrio dinâmico do *kósmos*. Dito com outras palavras, a própria vida é um jogo de tensões, um jogo de opostos, um movimento incessante dentro do seu próprio acontecer. E essa tensão, esse movimento infundável é a harmonia. Assim, a harmonia da vida seria um discurso que pode (ou não) ser ouvido e compreendido. Um *logos que comunica e diz algo*, como apontado mas que, no entanto, nem todos os homens podem ou querem ouvir: *Desse logos, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem* citado no Fragmento I. (Heráclito apud COSTA, 2012, p. 127).

Em Heráclito essa escuta do *logos* vai além da audição como a conhecemos normalmente, pois que ela acontece com todos os poros do corpo, com todos os sentidos e é mediada pela sensibilidade que *possibilita e promove, para o homem, a sua participação na natureza e, por extensão, a sua interação nesse arranjo orquestrado que é o kósmos*. (COSTA, 2013, p. 81).

Cabe apontar, aqui, a relação existente entre *Logos* e *mousiké* grega. Esta última, segundo Tomás,

é um conceito matricial que engloba tudo o que envolve uma presença sonora – o canto, as palavras, as danças, a matemática e seus derivados – que em um sentido amplo equipara-se por *identidade* ao conceito de *logos*, o conceito uno e universal que fornece as condições da organização do mundo. Mas se a *mousiké* é considerada possuidora de um poder intrínseco que regula e ordena o universo, e tal só ocorre porque ela também não apenas se equipara ao *logos*, mas ainda aos conceitos de cosmos e harmonia. Em razão de seu poder encantatório – pois é Musa – domina o mundo e a vida, porém pode ser dominada e utilizada pelo homem como música. (TOMÁS, 2002, p. 109).

É importante destacar que o *logos* é linguagem musical por ter gramática, ritmo e andamento. *Logos* é música *encantatória* no seu sentido original. Se há música, há algo a ser ouvido, porém existem categorias diferenciadas no ato de ouvir em si.

Haveria para Heráclito duas instâncias auditivas: o *ouvir*, comum a todos os homens, é involuntário, igual ao pensar, posto que não temos opção na escolha de ouvir ou pensar. A segunda instância seria o *como* ouvir, e o conteúdo desse ouvir, uma escolha pessoal, particular. Assim, são distinguidos o ouvir comum (*xynós*) e o ouvir particularizado, individualizado (*idios*). O ser humano é o único capaz de interpretar o discurso do *Logos*, a linguagem do mundo, entretanto fica sujeito ao erro e à discordância. Na condição da sua escuta ele pode (ou não) ouvir *o fio sonoro que norteia a vida*. Por isso, Heráclito afirma no Fragmento XIX: “Não sabendo ouvir, não sabem falar” ou no Fragmento XXXIV: “Ignorantes: ouvindo, parecem surdos; o dito lhes atesta; presentes, estão ausentes”. (COSTA, 2012, p. 127).

Heráclito aponta, nesses fragmentos à necessidade de uma *con-sonância* com o *Logos*, isso é, *soar com*, ou estar *afinado com*, tarefa nem sempre fácil, posto que a voz que ressoa e que apela para ser ouvida demanda certa obediência por parte daquele que escuta. Essa consonância, não consigo, mas com o *Logos*, é para Heráclito, fonte de sabedoria, por outro, homologia ou *homolegeîn*, é o termo utilizado para indicar a escuta do *Logos*. (COSTA, 2012, p. 169). Só quando o *Logos* do homem, o *legeîn*, se afina com o *Logos*, acontece a *homolegeîn*.

A intensidade e a qualidade da nossa afinação e, portanto, o modo como ouvimos a linguagem do *Logos*, definem o *dáimon*, isto é, o que cada um é. Heráclito caracteriza esse *dáimon* como a voz que habita o *éthos* do homem. “Diante do dáimon, o homem ouve, infantil, como, diante do homem, a criança” (Fragmento LXXXIX) e *O éthos do homem: o dáimon*. (Fragmento CXIX) (Apud COSTA, 2012, p. 129). Assim, o *dáimon* seria a voz do *Logos*, da harmonia mediadora entre a natureza, o *kósmos* e o ser humano, e o modo de escuta desse *dáimon*, a medida definidora do homem.

Podemos inferir, então, que através da escuta, o homem pode sintonizar a tonalidade na qual se executa o *leitmotiv*, tema próprio de vida que conduz ao conhecimento do mundo e de si. O *soar com* se sintoniza com a sabedoria que, como linguagem, coincide com o ser e com o devir, melodia *sui generis* e particular do acontecer humano. Se a escuta está ligada ao tema que

norteia a vida, ela é constitutiva dos sujeitos e da condição de acesso à verdade.

Para compreender esse enunciado, recorreremos às artes da existência da Antiguidade clássica abordadas por Foucault (2006, 2011) como instrumento de conhecimento e cuidado de si.

Música e artes da existência: por uma ética da escuta

O que canta e en-canta

As artes da existência, na Antiguidade clássica, foram apontadas por Foucault como *epiméleia heautou*, cuidado ou inquietude de si, artes que permitiriam ao sujeito o encontro com a verdade: movimento duplo de esforço individual para encontrar a verdade e o retorno da mesma sobre o sujeito. A *epiméleia heautou* foi caracterizada como atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo – como forma de atenção – ao que se pensa, ao que se passa no pensamento – e como um conjunto de práticas através das quais o sujeito se modifica e transforma. (FOUCAULT, 2016, p. 14-15). Dentre as práticas de si, na formação do sujeito estoíco, Foucault destaca a escuta como um dos elementos constitutivos do sujeito através da qual o mesmo pode ouvir os *lógoi*, discursos de verdade fundados na razão e transformados em matrizes orientadoras da própria vida.

O ouvir é o único de todos os sentidos pelo qual se pode aprender a virtude. Não se aprende a virtude pelo olhar. Ela é aprendida e só pode ser aprendida pelo ouvido porquanto a virtude não pode ser dissociada do logos, isto é, da linguagem racional, da linguagem efetivamente presente, formulada, articulada, verbalmente articulada em sons e racionalmente articulada pela razão. (FOUCAULT apud PASCUCI, 2011, p. 61).

Assim sendo, a escuta é condição primordial de acesso à verdade, e, sem ela, não haveria subjetivação nem transformação. Nas práticas do cuidado de si (ou práticas da existência) será pela escuta que o sujeito pode captar tanto as verdades vindas do mundo externo quanto aquelas que vêm do interior do mesmo. Portanto, a escuta permite o exercício e a apropriação das artes da existência para transformar a própria existência numa obra de arte.

Além da caracterização do termo *epiméleia beaoutou* como referido, Foucault (2011, p. 103-104) relata que seu amigo Dumézil, antropólogo e filólogo francês, teria sugerido associar essa palavra a *mélos* e *melodia*, presentes na sua raiz etimológica e ao prefixo *mel* presente nas palavras *epiméleia*, *mélei moi* dentre outras. Apontava-se à origem de expressões como a francesa *ça me chante* ou a da Língua Espanhola *se me canta*, referindo-se a algo que define algumas ações obedecendo a uma voz *que canta* desde algum lugar do sujeito e que o chama a se interessar por determinada pessoa, objeto ou acontecimento. Dessa forma, esse *cantar* estaria também relacionado com o fato de poder se preocupar com alguma coisa, dando atenção a ela. Outro amigo de Foucault, o arqueólogo e historiador Veyne, teria esclarecido que *mélos* é “o canto, um canto de chamamento”, e *meléi moi* significaria não exatamente “isso canta na minha cabeça”, mas “isso me canta”, na medida em que me chama, me convoca”. (FOUCAULT, 2011, p. 104). Na contrapartida da expressão “me canta”, ouvimos a sentença “isso *nada me diz*”, (PASCUCCI, 2013, p. 2).

A palavra *encanta*, do Latim *incantare*, apontaria a algo que *canta em* ou *canta na*, indicando um movimento para dentro. Segundo o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, o prefixo *in* significa garantir, prover, encher, transformar e transformação. Já na *Enciclopédia Brasileira Mérito*, o prefixo *in* remete a um estado e modo de ser, motivo pelo qual se pratica um ato. Assim, *incantare* pode ser interpretado como um modo de ser que transforma *cantando*.

Poderíamos deduzir que a escuta é um modo de estar na presença do *lógoi*, verdade orientadora da vida que se manifesta ao sujeito como som, como melodia, como aquilo que canta e encanta, ocasionando sua transformação. Estar à escuta dessa melodia individual é uma experiência única e singular, íntima e transformadora que faz parte da vida de todos os sujeitos.

E, se a verdade do sujeito se revela como som, há, então, um domínio, um espaço/caixa de ressonância da sonoridade que nos constitui. Para compreendermos esse acontecimento tão peculiar, recorreremos a Sloterdijk que considera o mundo um “sistema polifônico de sons”, portador dos ecos *das palavras primigênicas, fundadoras do ser*, que falam de cada um e a cada um *desde a noite dos tempos*. (Apud ROCCA, 2006, p. 10).

Ressonância singular nas esferas sonoras

Sloterdijk considera o espaço vivido e vivenciado como a experiência do próprio existir, tendo em conta que habitamos esferas ou atmosferas cheias de sons. A primeira esfera em que habitamos é, para o autor, o útero materno onde a díade mãe-filho faz sentir esse espaço como lugar de aconchego, de segurança, onde estabelecemos as primeiras relações com o mundo. Ao nascer, passaríamos a habitar novos espaços que nada mais são que reminiscências da saudosa “caverna original” ou “clausura da mãe”. A saída desse claustro seria o primeiro exílio rumo ao mundo que nos causa estranhamento. (ROCCA, 2008, p. 24-25). O medo que nos acompanha como seres no mundo é a catástrofe da audição provocada pela perda do som original no momento do nascimento. Justamente essa dor da perda é o instrumento que pode mediar “toda nova escuta musical”, porque “aquele que nasceu perdeu o som do *continuum* acústico profundo do instrumento – *organum* – materno”. (ROCCA, 2006, p. 5, tradução nossa).

A partir desse primeiro som que nos pertence e nos constitui, Sloterdijk faz uma analogia entre a música e a vida humana, considerando o mundo como um sistema polifônico de sons, e a música como capaz de “invadir e sensibilizar a psique humana exercendo sobre ela uma espécie de sequestro do ânimo”. (ROCCA, 2007, p. 89, tradução nossa). Sloterdijk afirma que os grupos humanos são ruidosos e, na medida em que estamos inseridos em diferentes grupos, familiares e sociais, temos a certeza do pertencimento que traz consigo segurança e proteção. Ter a voz do grupo presente nos mantém no familiar e próprio. (ROCCA, 2007, p. 95).

O auditivo, a ressonância das palavras primigênicas, as fundadoras do ser, as depositárias dos mitos fundacionais de uma linhagem, de uma família, e mais tarde de um povo, são as únicas capazes de nos revelar a origem e a essência por cuja perda andamos lançados numa existência que nos vela sua manifestação. As metáforas auditivas aludem a uma voz desde longe, desde a noite dos tempos. (ROCCA, 2006, p. 10, tradução nossa).²

² Lo auditivo, la resonancia de las palabras primigenias, las fundadoras del ser, las depositarias de los mitos fundacionales de un linaje, de una familia y más tarde de un pueblo, son las únicas capaces de revelarnos El origen y La esencia en cuya pérdida andamos arrojados en una existencia que nos vela su manifestación. Las metáforas auditivas aluden a una voz desde lejos, desde la noche de los tiempos.

Haveria, então, uma instância de escuta em que o sujeito pode *espreitar* os ecos “fundadores do ser”, e esses ecos são musicais. Isto é, essa música que ressoa ocasiona um recolhimento de si para si em resposta à necessidade de fuga do mundo. Porém, ao contrário do que acontecia em tempos passados, em que o deserto era o claustro escolhido como palco das práticas de silêncio, em que “os livros, as celas dos conventos, os desertos e as solidões” constituíam o homem interior, hoje a música midiática ocupa os espaços da interioridade impedindo a escuta do próprio silêncio, música interior que vivifica, “albergue acústico no regaço espiritual do eco daquele sopro originário com o qual fomos forjados”. (ROCCA, 2006, p. 6, tradução nossa). A consequência disso é ser humano que se converteu em “caixa de ressonância de tudo que vêm ao seu encontro”, esquecendo que ele pode ser uma “câmara silente, ingressando no seu próprio aposento hermeticamente fechado”. (ROCCA, 2007, p. 96, tradução nossa). O ruído permanente em que o ser humano está submerso impede a escuta “das palavras primigênicas, fundadoras do ser”, aquelas que dizem respeito ao si mesmo, aos outros, ao mundo.

Diante do exposto, podemos concluir que, à luz do pensamento foucaultiano, sem escuta de si não há acesso à verdade nem possibilidade de subjetivação e transformação. O cuidado de si é uma trilha *sonora* a ser percorrida ao longo da vida, e a escuta, o elemento-guia dessa caminhada.

À luz de Sloterdijk, somos uma câmara silente onde ressoa a música da existência, e os espaços nos quais estamos inseridos nada mais são que reminiscências do espaço primeiro onde ecoa o “sopro originário com o qual fomos forjados”.

Postados na câmara silente onde ressoa a trilha sonora da vida, analisaremos, a seguir, a natureza desse tema musical que nos constitui à luz do pensamento de Heidegger para quem, nessa câmara sonora, ressoa uma tonalidade afetiva que dá o tom do encontro com o *outro* de si, do *outro* e do mundo.

Por uma escuta musical ontológica

Analisando o Fragmento L de Heráclito, que postula *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um* (COSTA, 2012, p. 127), Heidegger cita o ouvir do *logos* como uma escuta que ausculta a voz do ser, linguagem em seu sentido primeiro.

Se há uma escuta que ausculta, há, também, algo que chama, convoca, apela. Para Heidegger, isso que convoca e apela está ligado à palavra da Língua Alemã *Stimmung*, traduzida como tonalidade emotiva ou disposição afetiva, ou ainda, modo existencial fundamental. Porém, ao universo dessa palavra pertencem outras que abrigam significados acústico-musicais, tais como: *Stimme*, voz, *Stimmen*, afinar, *Stimmung*, atmosfera, estado de ânimo. Todos esses significados estão, de alguma forma, presentes no ato da escuta. Em Heidegger, essa escuta permite abrir-se a si mesmo, aos outros e ao mundo (*Dasein*, o ser aí, ser-no-mundo). Na abertura, estamos sempre numa *Stimmung* particular que daria o tom desse encontro. Dito em outras palavras, na relação consigo, com o *outro* e com o mundo, há uma afinação particular, *sui generis*, que determina a dimensão e os alcances desse encontro, e, nele, a linguagem originária ressoa como música e como silêncio, revelando-se ou se ocultando, silente e dizente, acontecimento linguístico por excelência que abre a disponibilidade do indivíduo para o acolhimento-encontro com o *outro*: de si, do *outro*, do mundo. No lugar desse acontecimento, chamado por Heidegger “clareira” ou “abertura” (*Lichtung*), o ser se doa, portanto, “a instância em que o homem está à escuta do ser e na qual o ser se *des-dobra* presenteando-se em plenitude de mútuo pertencer, essa é a pátria, a casa do homem”. (PASCUCCI, 2013, p. 14).

A clareira é abertura revelada, é o ser que revela sua verdade e somente o homem pode ter a experiência de si, do *outro* e do mundo como revelação. Por isso, apontávamos que ouvir o *Logos*, no sentido de Heráclito, é para Heidegger a revelação da verdade que se doa na clareira do ser quando for apelado pelo homem. A revelação da verdade é linguagem e é sonora. Ao se referir à obra de Humboldt, Heidegger explica que “a articulação sonora é o fundamento e a essência de toda fala! [...] A linguagem é, na verdade, o eterno trabalho do espírito de tornar a articulação sonora capaz de exprimir o pensamento. O canto da linguagem é trazido aos homens pelo ‘poeta cantador’ [...] ‘poesia é canto’.” (HEIDEGGER, 2003, p. 196).

Heidegger também se refere ao hino de Hölderlin, *Friedensfeier* (Festa da Paz) e comenta: “O canto é a festa da chegada dos deuses, a chegada quando tudo se aquieta. O canto não é o contrário da conversa, mas o seu vizinho mais próximo; pois também canto é linguagem. Somos uma conversa. E escutamos uns aos outros; em breve, somos porém canto”, afirma Hölderlin no citado hino. (2003, p. 141).

Quer dizer, então, que somos uns com os outros, somos sons orquestrados na grande sinfonia do mundo cujas ressonâncias formativas

dependem do gesto de escutar. A música que somos recompõe o conhecimento que adquirimos sobre o mundo e sobre nós mesmos nas relações com outrem.

Conclusão

Voltando ao início deste trabalho, relembramos que para Heráclito “a linguagem possui gramática, ritmo e andamento, um fluir permanente quase musical, movimento contínuo do devir, do sendo”. Portanto, a linguagem, como verdade, como *Logos*, é sonora, é o *mélós* que *canta* um canto de chamamento e encantamento. *Mélós* (melodia) é o modo de dizer da linguagem em seu sentido original. Assim sendo, a música é a linguagem do ser, dom, oferenda e revelação, *leitmotiv* que guia e orienta revelando-se ora pela sua expressão, ora pelo seu silêncio, isto é, presente porque soa ou porque permanece em silêncio.

Nesse sentido, há uma similitude entre a música do ser e a música em si que “acaba por dizer sem revelar e calar pelo que se mostra”. (SEKEFF, 2007, p. 26). Para essa autora, no exercício da escuta musical, há, imbuída, uma duplicidade, isto é, ouvimos o discurso musical por um lado e ouvimos a nós mesmos por outro. “Como processo lacunar, incompleto em si (a música só se completa no ouvinte), a escuta permite então *ouvir* uma fala diferente que, indo além do texto, não nos “fala” só do outro, texto, mas do outro em nós, possibilitando-nos *tomar a palavra*”. (SEKEFF, 2007, p. 26).

A música também se doa, ela é uma revelação que independe das notas executadas e dos músicos que as interpretam. Numa execução musical, ela pode (ou não) vir a acontecer e, igualmente ao que ocorre na *clareira-abertura*, onde *a linguagem originária ressoa como música e como silêncio, se revelando ou ocultando-se, silente e dizente*, a música também diz, se doa.

Falando só de si, dobrando-se sobre si mesma num processo de tautologia pura, a linguagem musical instaura um *jogo* que envolve formas sonoras *versus* ouvinte, diante do objeto comum a ambos, som/silêncio, garantindo ao receptor ecoar os plurais sentidos ali expostos. Se a ambiguidade do signo poético-musical instiga e provoca inúmeros modos de tentativa de apreensão do real, ela também faculta um encontro do ouvinte consigo mesmo, em razão do que, como já dito, a música nada diz, ela só se mostra. (SEKEFF, 2007, p. 27).

Assim sendo, a música, como a linguagem do ser, é dobra, oferenda, que abre a *disponibilidade do indivíduo para o acolhimento-encontro com o outro: de si, do outro, do mundo*.

Dentro desses domínios eminentemente musicais, a escuta é a disponibilidade do indivíduo ao acolhimento do acontecimento-encontro com a diferença e a alteridade. Será a escuta a abertura, a clareira no sentido heideggeriano, a caixa de ressonância na qual ecoa o *mélos* que encanta e conduz a esse encontro.

Nesse encontro, aquele que escuta e aquilo que se doa constituem a essência da revelação da verdade, alquimia sagrada, ato puro de amor, fonte ininterrupta que borbulha no altar do silêncio que nos pertence e constitui.

A escuta acolhe, abraça, acalanta. Portanto, ela não é o silenciar da linguagem, mas a disposição que *pro-cura* e *res-guarda* a presença do *outro* que estamos procurando.

A formação humana, vista como caixa harmônica onde ressoa o *leitmotiv*, sonoridade viva que orienta a vida, é uma obra musical inconclusa permeada de escuta efetiva da nossa singularidade, que nos permite ouvir o som individual, os sons dos outros, a sinfonia do mundo.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, José Jorge de. *Transformações da sensibilidade musical contemporânea*. Brasília: UnB, 1999. (Série Antropologia, n. 266).
- CORDEIRO, Robson Costa. Linguagem e poesia como escuta no pensamento de Heidegger. *Aufklärung*, v. 2, n. 2, p. 163-184, out. 2015.
- COSTA, Alexandre da Silva: Da relação entre *logos* e *datmon* em Heráclito: a escuta como definidora do homem. In: RICCIARDI, R. R.; ZAMPRONHA, E. (Org.). *Quatro ensaios sobre música e filosofia*. Ribeirão Preto: Coruja, 2013.
- _____. HERÁCLITO, fragmentos contextualizados. Trad., apres. e comentários de Alexandre Costa. São Paulo: Odisseus, 2012.
- FOUCAULT, Michael. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: M. Fontes, 2006.
- _____. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. São Paulo: M. Fontes, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

INCERTI, Fabiano. A importância da escuta para a constituição do sujeito no estoicismo. *Kínesis*, v. I, n. 2, p. 35-48, out. 2009.

PASCUCCI, M. Verónica. *Silêncio, arte e educação transformadora*. São Luís: Edufma, 2011.

_____. *Das práticas de si à oferenda de si: nas trilhas da formação humana*. 2013. (Texto submetido à publicação).

ROCCA, Adolfo Vásquez. *Peter Sloterdijk esferas, helada cósmica y políticas de climatización*. Editorial de La Institución Alfonsel Magnànim (IAM), Valencia – España, 2008. Disponível em: <<http://www.observacionesfilosoficas.net>>. Acesso em: 24 set. 2016. (Colección Novatores, n. 28).

_____. Peter Sloterdijk: la escucha de si y el olvido del ser desde todos los altavoces. *Revista de Semiótica*, n. 5, 2006. Disponível em: <www.adversus.org>. Acesso em: 15 set. 2016.

_____. Peter Sloterdijk: el hombre como experimento sonoro y metafísico animal de la ausencia. *Revista Filosófica*, Valparaíso, v. 31, 2007. Disponível em: <<http://www.philosophica.ucv.cl>>. Acesso em: 28 set. 2016.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Edunesp, 2007.

TOMÁS, Lia. *Ouvir o logos: música e filosofia*. São Paulo: Edunesp, 2002.

Submetido em 4 de abril de 2017.
Aprovado em 26 de junho de 2017.